

Comunicação, Gênero e Cidadania: 1963-2006¹

Alice Mitika Koshiyama – Professora do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo²

Resumo: O ensaio aborda a luta feminista no Brasil a partir da perspectiva do jornalismo feminista e avalia o período 1963-2006. Utiliza as mediações da teoria da história, dos estudos de gênero e da história do jornalismo para debater a questão da organização das mulheres que assumem a ideologia feminista. A periodização inicia-se com a presença da jornalista Carmen da Silva na revista *Cláudia* e termina com a avaliação da ONG Sempre Viva Organização Feminista (SOF), datas escolhidas como marcos de dois momentos históricos: a do trabalho das feministas pioneiras e a ação de feministas agrupadas em organizações não governamentais.

Palavras-Chave: Comunicação feminista, jornalista Carmen da Silva, Sempre Viva Organização Feminista-SOF.

1. Introdução

Neste trabalho refletimos sobre um período da história das mulheres e o uso dos meios da comunicação para a cidadania, definindo uma periodização que se inicia com o trabalho de Carmen da Silva na revista *Cláudia* em 1963 e chega ao momento atual, com a presença da organização não governamental *Sempre Viva Organização Feminista* – SOF. É uma visão parcial, como é o trabalho sobre o passado (cf.: Michel de Certeau, *A Escrita da História*) que se constitui a partir da hipótese de que os anos 60 marcam a ação de mulheres feministas protagonistas individuais da história (e a jornalista Carmen da Silva foi uma das pioneiras que ficaram na memória das mulheres) e a época atual em que as feministas formam organizações para implementar suas ações em grupo (e a SOF é uma das várias respeitáveis entidades em atuação no momento).

2. Comunicação e Cultura Feminista

¹ Trabalho apresentado ao NP - Comunicação para a Cidadania do 29º. Congresso da INTERCOM, de 2006.

² Professora do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo na graduação em Jornalismo e na pós-graduação em Ciências da Comunicação. Pesquisa e ensino de história e comunicação; jornalismo, história, cidadania, gênero e trabalho. E-mail: alicemitika@yahoo.com

Na história, a exclusão social das mulheres é um fato que se concretiza também na limitação às suas possibilidades de acesso a todos os bens culturais, inclusive o acesso à literatura feminista. Percebemos a importância da literatura feminista ao estudar a situação da mulher brasileira a partir dos anos sessenta do século passado. O êxito dos movimentos sociais de mulheres contou com a ação de várias defensoras e divulgadoras das idéias feministas. Rose Marie Muraro e Carmen da Silva foram duas delas.

O uso das páginas dos meios de comunicação de massas foi um privilegiado campo de debates para a apresentação de idéias feministas de modo constante e muitas vezes polêmico. Como nas entrevistas com os irreverentes jornalistas do *Pasquim*, no início dos anos setenta do século passado, questionando vigorosamente Betty Friedan e *A Mística Feminina* e Rose Marie Muraro comentando as idéias da escritora feminista norte-americana.

Mas, para estabelecer um diálogo permanente com as mulheres era necessário estabelecer um espaço nas páginas de um periódico. E nesta ação destacou-se Carmen da Silva em *Cláudia*, entre os anos 60 e 80 do século passado, com seus artigos mensais na seção “A Arte de Ser Mulher”. Em cada novo número da publicação o contato se renovava com as leitoras antigas e novas leitoras eram chamadas a integrar o grupo das mulheres que se identificavam com a seção.

A literatura para a formação de uma perspectiva feminista necessitava de comunicadoras que pudessem divulgá-la. Carmen da Silva e Rose Marie Muraro, além de debaterem autoras importantes, como a fundamental Simone de Beauvoir de *O Segundo Sexo*, escreveram seus textos para livros. E Rose Marie Muraro, depois de marcante passagem pela Editora Vozes, fundou e coordenou a parte editorial da Rosa dos Tempos – editora de livros de mulheres para mulheres -- que posteriormente foi incorporada ao grupo da editora Record.

Trabalhos de intelectuais e militantes, como os de Rose Marie Muraro e Carmen da Silva, foram importantes para a construção de uma cultura feminista no Brasil. E, a partir de 1975, temos o reconhecimento institucional pelos poderes públicos e pela sociedade civil da especificidade dos problemas e direitos da condição feminina, conforme atestam abalizados relatos da história recente das mulheres no Brasil. (Ver “Feminismo pós-1975” de Hildete Pereira de Melo e Schuma Schumacher, in *Dicionário Mulheres do Brasil*, pp.229-239)

Na Constituição de 1988, a mulher brasileira foi reconhecida como um ser plenamente capaz, em plena igualdade de condições com o homem. Paradoxalmente, a vida cotidiana de muitas mulheres está distante das conquistas legalmente reconhecidas e divulgadas pelas entidades governamentais e organizações não governamentais. Porque a cultura dominante exige uma prática condizente com os valores do capitalismo que vem acentuando as desigualdades da sociedade de classes e exigem das feministas uma preocupação com a cidadania ou seja a busca do direitos civis, políticos e sociais relacionados com questões de gênero, etnias e classes sociais.

3. O jornalismo feminista de “A Arte de Ser Mulher”

Na história do jornalismo, notamos que os jornalistas exercem o papel de intelectuais orgânicos ao executar um trabalho específico no estabelecimento, na consolidação e na ampliação dos projetos de hegemonia dos diferentes grupos e classes de uma sociedade, conforme lembra Antonio Gramsci. Para tanto, os jornalistas formam quadros dirigentes e militantes de diferentes níveis respeitando as suas diferenças de informação e percepção. (Ver: *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*).

Pesquisamos, na história do jornalismo recente, quais as possibilidades de ação de intelectuais orgânicos do movimento feminista na imprensa brasileira. Verificamos que, em geral, a imprensa feminina produzida pelas grandes empresas jornalísticas tem mostrado um caráter conservador e submisso às demandas das consumidoras.

Carmen da Silva atuou em um dos mais tradicionais veículos da imprensa feminina, a revista *Cláudia* da Editora Abril, mantendo um espaço em que assinava seus textos, de 1963 a 1985. Ainda hoje, ela é lembrada pelas mulheres que a liam, mulheres de diferentes formações escolares e heterogêneas opções partidárias. E foi considerada, pelos dirigentes da empresa, profissional insubstituível pela seriedade e singularidade do seu trabalho. Em depoimento recente a Alberto Dines, Thomas Souto Corrêa, um dos executivos da Editora Abril, seu ex-chefe, lembrava que havia sido dela o projeto de acompanhar as mudanças da mulher brasileira através da revista *Cláudia*.

Ela também colaborou na imprensa alternativa, espaço de intelectuais feministas no jornalismo dos anos 70 aos 80. *Brasil Mulher, Nós Mulheres, Mulherio* são publicações que desapareceram e na época em que circulavam tinham tiragens pequenas e não chegavam ao conhecimento do conjunto do público de leitoras no país. Estas liam mais as revistas da grande imprensa feminina.

Nesse contexto histórico, a presença de Carmen da Silva nas páginas de *Cláudia* foi algo único, diferente das publicações alternativas e também um texto diferente do padrão dominante nas grandes revistas femininas da época. Carmen da Silva construiu, em um veículo da grande imprensa feminina conservadora do país, um jornalismo feminista.

Na primeira leitura dos seus textos publicados em *Cláudia* notamos suas qualidade de jornalista e escritora, sua visão de feminista e psicóloga, seu bom humor e ótima redação.

Carmen reconhecia que falava para um segmento de mulheres, aquelas que formavam a classe média da sociedade. Ela conhecia o seu público, o de leitores típicos de uma revista bem escrita que falava da casa confortável, da comida saborosa, de roupas da moda, de como contentar maridos, filhos, familiares.

As mulheres que estavam em concordância com os papéis tradicionais a elas impostos de esposa, mãe, filha bem comportada tinham um reforço dessas posições em uma parte da revista *Cláudia*.

Carmen da Silva inteligentemente não entrou em colisão radical com as mulheres acomodadas, conformadas/anestesiadas pelo peso da tradição. Procurou levantar, inicialmente, zonas de insatisfação individuais, apontar algumas situações, que ela Carmen mulher, sabia serem problemas da maioria. Mas sempre teve a habilidade e o respeito pelas limitações das suas leitoras, escutava-as. Saía falando para platéias de mulheres, escrevia também na imprensa alternativa, e as militantes também aprendiam com os diálogos abertos por ela.

4.Comunicação, feminismo e promoção da saúde

Carmen da Silva entrou em *Cláudia* para escrever a seção que já tinha um título “A Arte de Ser Mulher” . Diz não ter gostado do nome, mas adorou a idéia de conversar com as mulheres sobre seus problemas quotidianos. Ficou claro que ela não reforçava padrão conservador tradicional de mulher, mas jamais foi dogmática ou maniqueista, não condenava e não absolvía. Tentava sempre mostrar os problemas das mulheres como parte de um sistema de relações entre pessoas.

As mudanças boas para as mulheres dependiam dos seus esforços em convencer os outros: mulheres, homens, crianças a mudarem seus papéis tradicionais. E aí, no limite, não eram questões apenas para o espaço das relações privadas, dos homens na condição de namorados, maridos, amantes, filhos, pais, avôs e netos. Era uma questão

também para homens públicos: políticos, legisladores, padres, pastores, médicos, advogados. Pois envolviam problemas como: igualdade jurídica de homens e mulheres, aborto, estupros, desquite e divórcio, violências contra as mulheres, direitos à saúde, à educação, à assistência a infância. (Ver: *O Melhor de Carmen da Silva*, capítulo 2 – Feminismo e Capítulo 9 - Aborto)

Carmen não incorria na simplificação que igualava todas as mulheres. Enxergava as diferentes condições de desigualdade. A das muito ricas, que por verem no casamento uma sinecura, se recusavam a assumir suas identidades como seres humanos integrais e viviam, às vezes, situações aviltantes para a sua dignidade e reforçando comportamentos hipócritas e opressores dos homens.

A desigualdade das mulheres pobres que em geral tinham dupla jornada de trabalho e tinham dificuldades com os filhos pequenos, sem creches e prejudicados pela ausência diária das mães.

A desigualdade das mulheres da classe média, impedidas por seus pais ou maridos de manterem um emprego fora para se dedicarem exclusivamente ao lar e aos filhos. E quando profissionais no mercado de trabalho, enfrentando dificuldades devido a dupla jornada de trabalho e outras discriminações.

A análise dos textos de Carmen para a revista *Cláudia* mostra-nos o desenvolvimento de um projeto de comunicação feminista, executado de 1963 a 1985. Nele, a psicóloga e jornalista foi mostrando, a partir das questões da vida privada das mulheres, a possibilidade de transformação delas em sujeitos das suas vidas quotidianas.

O minucioso exame da vida quotidiana das mulheres com a interpretação de suas áreas de silêncios de interdições, de suas dúvidas e agonias sempre foi conduzido por ela como um trabalho com as leitoras. Elas recebiam a informação sobre o tema, Carmen mostrava sua posição e abria-se um diálogo.

Dizer o que pensava, apontar seus sentimentos, exercer julgamentos, chamar a atenção para limitações pessoais, clamar por direitos, reconhecer pressões de pessoas ou grupos, aprovar atos e comportamentos positivos, repudiar propostas discriminatórias, essas eram intenções explicitadas nos seus textos.

Havia uma visão militante dela, mas na medida certa do “otimismo da vontade e do pessimismo da razão”, lembrando o famoso lema de Antonio Gramsci.

Um estudo da sua biografia intelectual possibilita a compreensão de seus atos. Com a leitura crítica de obras do existencialismo (Sartre e Simone de Beauvoir), do marxismo e da psicanálise freudiana, Carmen articulava uma visão da história e da relação do

indivíduo com o seu mundo. A transformação da vida de cada um de nós é uma combinatória das vontades explicitadas em atos. Atos mediados pelas nossas percepções das possibilidades e limitações que nos cercam.

À psicóloga Carmen cabia o trabalho de construir com suas leitoras percepções diferentes daquelas herdadas pelas mulheres que recebiam a “herança cultural” do passado. herança cultural que pode imobilizar ou entorpecer a capacidade de agir das pessoas. Nesse sentido, estabelecia com suas leitoras, nos seus artigos mensais, um processo de análise.

Ao assumir sua condição tripla de mulher, jornalista e cidadã, Carmen assinala um conjunto de responsabilidades e direitos definidos pela sua inserção na cultura brasileira dos anos 60 aos 80. Mulher e feminista assinala uma perspectiva de trabalho e compromissos políticos. Jornalista e psicóloga demarca sua ação em um espaço público - a revista *Cláudia* - com um trabalho privado junto a cada leitora. Cidadã e democrata com um projeto de democracia para todos, enquanto processo de construção coletiva de um mundo diferente e novo. Propunha uma democracia com amplo espaço para o feminismo e a psicologia como coadjuvantes do processo histórico, conforme demonstrou ao comparecer a sessões da Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara Federal, em 1975, que investigava a violência contra a mulher.

O trabalho de Carmen da Silva deve permanecer na memória dos que a leram mensalmente nas páginas da revista *Cláudia*. A Editora Rosa dos Tempos, dirigida por Rose Marie Muraro, contribuiu para o conhecimento da obra da jornalista feminista, ao publicar *O Melhor de Carmen da Silva*. A leitura dos seus textos mostra uma visão revolucionária do feminismo e que não se realiza apenas como um projeto para a minoria das mulheres da sociedade de classes.

5. Comunicação, Feminismo e História

As mulheres que conhecem e aceitam os valores de uma cultura feminista, sabem da importância de transmitir o que se acumulou. E as que conheceram o trabalho de Carmen da Silva procuram de todas as formas não fechar os caminhos abertos, e se possível, ampliar as trilhas abertas: “Agora temos que continuar divulgando o feminismo para aquelas pessoas que estão vivendo os desafios da arte de ser mulher nos lares, nas empresas, nas escolas, nos partidos políticos, nos sindicatos e nas igrejas,” lembra Maria Otilia Bocchini, professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, militante histórica do movimento feminista.

Dentre seus vários trabalhos, Otília Bocchini escreveu sua tese de doutorado (*Formação de Redatores para a Produção de Textos Acessíveis a Leitores pouco Proficientes: o caso de Mulher e Saúde, Boletim do SOF na Luta pela Saúde das Mulheres.*), detalhando os fundamentos teóricos e a descrição de suas atividades na elaboração de um projeto de comunicação e sua implementação para a organização não governamental SOF -- Sempreviva Organização Feminista --, entidade fundada em 1963 com o nome de Serviço de Orientação à Família. Neste projeto destaca-se o boletim trimestral *Mulher e Saúde*, publicado entre 1993 e 2002, e extinto após 28 edições, por falta de apoio financeiro e ausência de profissionais que pudessem manter as características editoriais do periódico. O boletim, escrito em linguagem acessível a pessoas pouco letradas, tratava de questões complexas de saúde da mulher com exatidão e seriedade e avaliava o contexto histórico, político e social da saúde no Brasil. Era distribuído para mulheres individualmente, para assinantes e como texto de apoio para grupos médicos e organizações sociais que buscam promover a saúde física e mental da mulher. Este abordava os problemas concretos da saúde da mulher, reconhecendo nela o sujeito da ação, e mostrava o contexto social e político de questões, que para serem resolvidas, dependiam de ações individuais e de grupos organizados socialmente.

O boletim, *Mulher e Saúde*, seguia os objetivos explicitados no *site* da SOF, sobre a relação entre o feminismo e a vida cotidiana das mulheres:

Trabalhamos para difundir o feminismo em amplos setores da sociedade e sensibilizar atrizes e atores sociais que lutam pela ampliação da cidadania, a fim de comprometê-los com a igualdade entre mulheres e homens. Compreendemos que as relações de gênero se articulam com as de classe, raça e etnia, e que o feminismo é um elemento constitutivo de um projeto global de transformação da sociedade que se propõe a criar condições de cidadania e igualdade para todas e todos. A reafirmação da igualdade não se faz em detrimento das diferenças, mas acreditamos na possibilidade de processos coletivos, em que se estabeleça um compromisso ético-político comum, sintonizado com as questões apresentadas pelo momento histórico atual

A construção da cidadania da mulher é duplamente relacionada com o conceito de lugar social: o lugar social das mulheres na história e o lugar social dos historiadores que elegem a história das mulheres como tema de pesquisa. Apoiamos a perspectiva teórica do historiador Certeau, no capítulo sobre a operação histórica de *A Escrita da História*. Ao definir a pesquisa histórica como um permanente preenchimento de lacunas anteriormente deixadas por outros pesquisadores, e reconhecer que novas questões são formuladas a partir de problemas vivenciados pelas transformações na

cultura, autoriza-nos a ver a possibilidade de mudanças nos projetos de participação social das mulheres na história.

A legitimação de uma história das mulheres nas últimas décadas aconteceu paralelamente ao desenvolvimento de movimentos organizados em defesa dos direitos de cidadania como questão de gênero, classe, raça, na busca da cidadania plena. A própria transformação da pesquisa histórica, hoje, permite-nos aprofundar indagações sobre o mundo feminino, seu passado e suas possibilidades para o futuro.

Há uma valorização da história da vida cotidiana como tema de pesquisa acadêmica e um novo olhar sobre a vida privada para a qual se reconhecem abordagens específicas. Detectar como nasciam, viviam e morriam as pessoas deixa de ser uma simples curiosidade, tudo permite uma melhor compreensão dos usos e costumes da vida presente.

Portanto, a valorização dos estudos sobre vida cotidiana não é um mero modismo acadêmico. Ao estudar a organização das sociedades e as formas de desenvolvimento dos relacionamentos humanos no tempo percebemos que há alguns valores permanentes que distinguem o gênero humano, conforme nos demonstra Agnes Heller em *O cotidiano e a história* (pp.1-15). Para ela, as transformações da sociedade são acompanhadas pelas transformações dos valores dominantes.

6. Feminismo e Saúde: temas para SOF

Um projeto para mudar valores dominantes está presente na noção de saúde assumida pela SOF em *Mulher e Saúde*, ao questionar a visão dominante do mercado de consumo de remédios e incorporar propostas da medicina preventiva. Busca-se o bem estar físico e psicológico como um produto que deve ser acessível a todos os seres humanos em igualdade de condições. Considera-se a questão da saúde da mulher brasileira nas suas especificidades a partir de estudos sobre a questão de gênero, classe social e raça. A abordagem, a partir de uma perspectiva de relações de gênero, incorpora a cultura feminista. A perspectiva de classe social avalia as dificuldades das mulheres mais pobres para o acesso à informação e aos tratamentos médicos. A visão de raça incorpora a noção das discriminações como fatores que atingem a saúde física e mental das mulheres.

A SOF tem publicado livros e vídeos que abordam questões ligadas a saúde, abrangendo desde o debate conceitual em relação aos direitos reprodutivos, até os temas concretos de saúde da mulher, que exigem pesquisas específicas, como a anemia

falciforme.

Nas políticas de saúde, estão presentes as contradições e os conflitos provocados pela sua inserção no mercado capitalista. Por isso é necessário um contínuo exercício de avaliação sobre os problemas que se colocam para o uso adequado das descobertas da ciência e da tecnologia médicas. Tem sido feitas análises sobre os sistemas de saúde pública e privada, pela sua incidência nas limitações e possibilidades da prática médica. Nesse contexto, adquire importância o apoio da SOF a movimentos sociais e a organizações que se disponham a defender as políticas de saúde que se colocam nos marcos das perspectivas de gênero, classe e raça. Como a sua ação na organização brasileira da Marcha Mundial das Mulheres desde 2000, seu trabalho na formação de novos quadros dirigentes para atuar na área da saúde da mulher e sua intervenção em campanhas para exigir justiça para mulheres mortas ou feridas nas suas lutas pelos seus direitos à saúde física e mental.

Portanto, para a SOF, a saúde da mulher um dos seus temas mais importantes, é parte de uma perspectiva do gênero humano. Temos um conceito que se opõe à medicalização e se aproxima da promoção da saúde humana. Saúde é um bem estar físico e mental conquistado com a participação das próprias mulheres e é um direito de cidadania que se expressa na vida pessoal e social a partir de informações e reivindicações que consideram as mulheres como seres capazes de autodeterminação e liberdade de escolha. Faz a abordagem alternativa dos temas da saúde da mulher: direitos reprodutivos, sexualidade, considerando o auto-cuidado e práticas saudáveis, mas também a defesa de direitos e enfrentando o conjunto de problemas que afetam a todas. A saúde da mulher está no contexto de diferentes fatores que interferem na saúde: o poder médico, a mídia e a indústria farmacêutica.

Um exemplo de uma abordagem sobre saúde da mulher nessa perspectiva é o texto: *Quem são os cúmplices da violência contra mulheres*, texto de Maria Otilia Bocchini:

Neste final dos anos 90, estamos diante de um ressurgimento globalizado e macabro de valores conservadores, de uma tentativa de fazer regredir direitos de cidadania, arduamente construídos em vários campos.

No campo do trabalho, o desemprego e a perda de direitos ameaçam quebrar resistências e enfraquecer lutas. Contra a autonomia das mulheres, impõem-se modelos inatingíveis de beleza e juventude, incentivando o consumo de produtos variados, cirurgias, remédios perigosos. Impõe-se uma imagem corporal e uma sexualidade, submetidas ao desejo masculino. A recusa masculina ao uso da

camisinha aumenta entre as mulheres as doenças sexualmente transmissíveis e a aids.

A maternidade, que já tínhamos definido como escolha e não como imposição ou destino, volta a ser tratada como fonte máxima de realização das mulheres e elemento definidor do que seria uma mulher de verdade.

Além da violência física, esses outros exemplos constituem-se em formas de violência simbólica, pois influenciam as mulheres a se enxergarem a partir dessas modelagens, que interferem negativamente na subjetividade e no amor-próprio. (www.sof.org.br)

7. Feminismo e saúde da mulher na mídia

A perspectiva ideal de saúde da mulher é um projeto inacabado e um desafio para ser enfrentado. É muito salutar observar a história recente das mulheres e acompanhar ONGs como a SOF – Sempre Viva Organização Feminista --, cujo trabalho tem mostrado as possibilidades de contribuir para uma ação contra-corrente a favor da saúde integral das mulheres. Em julho de 2002, a partir de extensas pesquisas feitas nos E.U A, que foram relatadas em conceituados órgãos da grande imprensa internacional e nacional, os meios de comunicação de massas passaram a recomendar cautela no uso de hormônios pelas mulheres. Esta posição, defendida há tempos por segmentos da categoria médica no Brasil, já havia sido veiculada em *Mulher e Saúde* após extensa e cuidadosa pesquisa da equipe do boletim. A polêmica é antiga, apenas a grande imprensa seguia a posição imposta pelos grandes laboratórios produtores de remédios, principalmente os fabricantes de hormônios.

Evidentemente, as mulheres enquanto seres integrados ao processo de produção de capitalista sofrem sérios prejuízos nos seus direitos, inclusive o direito à saúde. Pois, no capitalismo vigente, a ascensão social da mulher se processa pela sua inserção no mercado de trabalho centrada na sua valorização enquanto agente econômico, consumidor de mercadorias. Coerente com esses objetivos, os meios de comunicação de massas tratam as mulheres como seres que devem ser disciplinados e seduzidos para adotarem comportamentos padronizados, caracterizados como femininos. Regra aplicável para publicações dirigidas a públicos de alto, médio e baixo poder aquisitivo. Há uma perfeita harmonia entre o campo publicitário e a área jornalística na busca de mulheres consumidoras.

Esteriótipos e imagens do passado sofrem reciclagens para os novos tempos, conforme constatou Maria Otilia Bocchini ao pesquisar o conteúdo de revistas para o público feminino de menor poder aquisitivo (Ver: *Valores conservadores em Ana Maria e Viva Mais*). A pesquisa mostra a exaltação dos tradicionais papéis femininos de mãe,

esposa e o reforço das atividades que lembram o âmbito doméstico (a casa) e a ênfase na mulher a serviço do homem (com destaque para os serviços sexuais e domésticos).

No projeto de Carmen e suas leitoras emergia o valor: liberdade para decidir sobre o que era mais desejável para sua realização individual. A revista *Cláudia* extingue o espaço e a proposição da arte de ser mulher, após a morte de Carmen da Silva, em 1985. Os meios de comunicação de massas, na atualidade, veiculam padrões e receitas de ações num verdadeiro supermercado de idéias prontas para usar.

Hoje, percebemos a revista *Cláudia* totalmente enquadrada no modelo de publicações de massa. E ela, desde janeiro de 2006, abriga a colunista Danuza Leão, mulher inteligente, experiente e vivida, sucesso na mídia com o livro de memórias *Quase Tudo*. Sua coluna na revista, “Conversa com Danuza”, é a versão 2006 da “Arte de Ser Mulher” de Carmen da Silva. A diferença é o tom da conversa: esteja sempre alerta para os negócios que vão aparecendo sejam homens, trabalhos ou atividades. O tom do conselho não deixa margem para dúvidas ou recusas. Mas, para quem leu *Quase Tudo* o conselho equivale a uma ordem: faça como eu sempre fiz em minha vida, eu, Danuza Leão. Ela é uma protagonista da história dela, mas será que vale para as leitoras? O seu texto segue a proposta da *Claudia* atual: sempre positiva, com sugestões concretas para melhorar o corpo, as roupas, os acessórios, as companhias, o trabalho, os homens, outras mulheres, as crianças, os adolescentes, os conhecimentos, as idéias, claro sempre com algum custo.

Hoje, a falta de espaços heterogêneos para o debate e a organização dos interesses das mulheres nos meios de comunicação é um problema concreto. Paradoxalmente, nunca antes as mulheres foram tanto objetos de matérias jornalísticas, pois na atualidade elas são vistas como consumidoras de idéias ou produtos para o seu real ou suposto bem estar.

Nessas condições, a articulação de quaisquer propostas de mudanças coletivas esbarra no individualismo continuamente cultivado. Ao falar com as suas leitoras de classe média, Carmen da Silva trabalhava as condições individuais e destacava a relação com conjunturas históricas e culturais, de grupos e classes.

8. Atualidade e importância ética e política do feminismo

Os meios de comunicação de massas, atualmente, falam às suas leitoras vendendo-as como seres com problemas que comportam soluções individuais. Da conquista da auto-estima ao envelhecimento saudável, da arte de agradar os outros e conseguir o que

se deseja, tudo é solucionável se as pessoas forem individualmente adaptáveis. Não se luta; conforma-se. Estes destacam a presença das mulheres em todos os campos e veiculam o discurso da superação do feminismo. As conquistas femininas teriam tornado o feminismo, hoje, anacrônico e desnecessário, afirmam apresentando mulheres de classe média e alta que agem e fazem, aparentemente o que desejam de suas vidas privadas e profissionais.

Mas de qual feminismo estamos falando? A proposição de um feminismo libertador para mulheres de todas as classes sociais continua uma utopia válida. Levada ao limite, esta posição implicará na perspectiva de mudar as condições de vida da parte da sociedade insatisfeita com as carências nos seus relacionamentos como seres humanos. Este tipo de feminismo está no projeto de construção de uma cidadania para todos. Pressupõe participação social, conflitos de interesses, organização das pessoas em grupos e partidos, ampla discussão para formar regras de convivência, análise das possibilidades permanentes de mudar o anacrônico e o indesejável.

Na sociedade, a organização do trabalho mostra-nos que a utopia feminista inscreve-se no contexto das relações sociais que podem ser construídas. No trabalho e no lazer há um permanente controle do tempo destinado a cada ação que nos é solicitada. A organização do trabalho que hoje se estrutura também nos espaços domésticos, transformados em extensão das empresas em alguns casos, interfere no tempo e no espaço de vida das mulheres. A jornada de trabalho de algumas mulheres sobrecarrega-se na rotina da empresa-lar. Ou permanece a nítida divisão social do trabalho doméstico executado pelos empregados do lar, enquanto a dona de casa trabalha para uma empresa. A automatização dos atos, dos valores assumidos sem questionamentos concretos, ocorre nesse contexto organizacional.

Verificamos, então, a permanência das idéias de *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir e a relevância de uma feminista como Carmen da Silva. E é ela mesma, Carmen da Silva, que explicita uma saudável visão anti-mítica da mulher, “Em Tom de Confissão”:

E se essa franca admissão de minhas perplexidades vier derrubar, aos olhos das mais empedernidas idealizadoras, o mito da mulher-rochedo, da mulher-forte que conhece todas as respostas, tanto melhor; desde que me tenho por gente, não recorro a escrever uma única linha que não tendesse precisamente a isso: a derrubar mitos. Porque os mitos têm uma característica paradoxal; apoiando-se os pés sobre eles,

fatalmente eles nos desabam na cabeça. (in *O Melhor de Carmen da Silva*, p.36)

Neste universo há projetos alternativos de comunicação feminista que permitem trabalhar a organização das mulheres num contexto com recortes específicos de público.

O desenvolvimento do trabalho de comunicação de grupos deve ser incentivado, em oposição à ideologia dominante que seduz as mulheres nos grandes meios de comunicação. Nós sabemos que o feminismo é necessário, hoje. Em janeiro de 2006, a SOF atua com propostas políticas de feminismo e economia com maior ênfase. E reforça sua participação na Marcha Mundial das Mulheres para agrupar militantes de todo o continente americano.

As mulheres vítimas da violência de gênero continuam pedindo justiça, punição para criminosos, mas personagens como o jornalista Pimenta Neves continuam impunes após ter matado a jornalista Sandra Gomide em agosto de 2000. Em 2005 foi criado o *Portal da Violência contra a Mulher*, e neste espaço da internet temos uma rede de apoio para vítimas, comunicadores e estudiosos preocupados em contribuir para a defesa das mulheres vitimadas pelos atos criminosos. O *Portal* reúne organizações não governamentais de todo o país e mostra a diversidade de condições das entidades que se formam e se instalam porque há mulheres precisando delas para sua sobrevivência e segurança.

Feministas, em âmbito internacional, apresentam uma série de propostas concretas para aproveitar os recursos da internet criando portais e redes e trabalham on line para capacitar as interessadas. Montserrat Boix, jornalista e coordenadora de *Mujeres en Red* (<http://www.mujiereenred.net>) defende o uso das tecnologias da informação para mulheres, capacitando-as pela própria rede ao exercício do ciberfeminismo.

Victoria Sendón de León sintetizou os tre desafios colocados para as feministas que vivem no século XXI:

Uno es epistemológico o de discernimiento racional para que no nos vendan la moto de que con la supuesta igualdad lo vamos a arreglar todo, porque la igualdad está llena de trampas y hay que ir más allá a través de la comprensión de la diferencia y de las diferencias. El otro es político: hay que parar la globalización en su interpretación neoliberal, así como el reconocimiento de la riqueza material como única prueba del triunfo social al margen de los problemas del mundo. Y el último es de tipo personal, de maduración como mujeres respecto a todo lo referente al amor y a las emociones en general. Tenemos que liberarnos de una dependencia afectiva totalmente enfermiza y dedicarnos más en serio a nuestro cultivo personal, a nuestros proyectos y a nuestros

deseos.(www.nodo50.org/mujeresred/victoria_sendon-feminismos_sigloXXI.html)

Dessa forma, o movimento feminista, na concepção de Victoria Sendón de Leon, propõe às mulheres novos valores, que respeitem as diferenças e as possibilidades de construção de um novo ser humano, em contraposição à cultura capitalista dominante. E o enfrentamento da cultura dos mídia acontece, em primeira instância, com a permanente agregação das militantes pela internet, em <http://www.mujeresenred.net/>

Acontece então o esforço para o uso das tecnologias da informática com a aprendizagem de uma nova cultura, que assinala a possibilidade de autonomia, independência e valorização integral da condição feminina.

9. Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. de Sergio Millet, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, 2 vol.

BOCCHINI, Maria Otília. **Valores Conservadores em Ana Maria e Viva Mais**, In: Maria Lúcia Silveira e Nalu Faria. *Mulheres, Corpo e Saúde*, São Paulo, Cadernos Sempre Viva, 2000.

BOCCHINI, Maria Otília. *Formação de Redatores para a Produção de Textos Acessíveis a Leitores pouco Proficientes. o caso de Mulher e Saúde, Boletim do SOF na Luta pela Saúde das Mulheres*. São Paulo, ECA-USP, 1994.

BOIX, Montserrat. **Feminismos, Comunicación y Tecnologías de la Información**. http://www.mujeresenred.net/m_boix-feminismo_y_comunicacion.html.

BONACCHI, Gabriella; GROPPi, Angela (org.). *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A Operação Histórica**, in Jacques Le Goff e Pierre Nora (org.). *História: Novos Problemas*, 4ª. ed., trad. Theo Santiago, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1995, pp. 17-48.

GRAMSCI, Antônio. Trad. Carlos Nelson Coutinho. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização, 1968.

GUTIERREZ, Rachel. *O feminismo é um humanismo. O sentido libertário da luta da mulher*. Rio de Janeiro, Edições Antares, São Paulo, Nobel, 1985.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 3 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

LÉON, Victoria Sédon de. **Retos del feminismo ante el siglo XXI**, conferência pronunciada em Toledo, em 14 de fevereiro de 2001 e registrada em: www.nodo50.org/mujeresred/victoria_sendon-feminismos_sigloXXI.html.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Carmen da Silva na história do jornalismo feminino e feminista*, texto do GT - História e Comunicação, 1996, Londrina, XIX Congresso da Intercom.

_____. “A permanência da obra feminista de Simone de Beauvoir em **Carmen da Silva**”, texto apresentado no Colóquio “ O segundo sexo cinquenta anos depois”, promovido pelo Instituto de Psicologia da UFRJ, de 22 a 24 de novembro de 1999.

_____. *Communication, identité et citoyenneté féminine dans la culture globale: actualité du passé*: in ACTES DU IV ème Colloque France-Brésil des Chercheurs en Communication - PRATIQUES CULTURELLES COMMUNICATION ET CITOYENNETE, Grenoble, 1998, pp.269-276.

MELO, Hildete Pereira de. & Schuma Schumacher. **Feminismo pós-1975. A segunda onda feminista no Brasil. In *Dicionário Mulheres do Brasil***, Rio de Janeiro, Zahar, 2000. pp.229-239.

MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma Mulher Impossível*, Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 1999.

----- . Verbete in *Dicionário Mulheres do Brasil*, Rio, Zahar, 2000.

SILVA, Carmen da. *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*. 2ª. ed., São Paulo, Brasil, 1984.

_____. *O Melhor de Carmen da Silva*. Seleção de Júlia Tavares, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1994.

Sites da internet:

- <http://www.assediomoral.org>
- <http://www.sof.org.br>
- <http://www.mujiresenred.net>

Portal da Violência contra a Mulher:

- <http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/index.shtml>